



CENÁRIOS ECONÔMICOS DA MACROPLAN

MONITORAMENTO MENSAL – 3ª EDIÇÃO

Março de 2010

Aquecimento da economia e pressões inflacionárias no Brasil

Os números divulgados ao longo do mês de março evidenciaram que a economia brasileira cresce a um ritmo muito forte desde o fim de 2009. Impulsionada pelo crescimento da renda e do emprego, **a demanda interna encontra-se em franca expansão e começa a gerar preocupações inflacionárias.**

Nos primeiros dois meses do ano a alta de preços situou-se acima das expectativas do mercado e do Banco Central (BC), que projetava que a inflação medida pelo IPCA iria alcançar 1,5% no primeiro trimestre de 2010. Apenas nos primeiros dois meses, no entanto, a inflação acumulada superou as projeções e alcançou 1,52%. Os principais responsáveis pela alta foram os preços de alimentos e bebidas, transportes e educação. Além de fatores sazonais – como os reajustes escolares e das tarifas públicas de transporte –, contribuiu para a alta da inflação nos primeiros meses do ano o choque nos preços de alguns itens alimentícios, como açúcar e produtos *in natura*. Problemas climáticos afetaram as safras internacionais da cana-de-açúcar, o que afetou também os preços dos combustíveis.

Para os próximos meses, um dos fatores que devem pressionar a inflação é a recuperação do mercado de trabalho. O índice de desemprego de fevereiro (divulgado em março) foi de 7,4%, o menor nível de desemprego para o mês da série histórica. Com o mercado de trabalho aquecido, a perspectiva é de alta da massa de salários, um dos combustíveis para a elevação do consumo e da inflação. Por esse motivo, as expectativas do mercado para a inflação neste e no próximo ano pioraram: a maioria dos agentes financeiros acredita que a inflação (medida pelo IPCA) fechará 2010 em 5,10%, acima, portanto, da meta oficial de 4,5% fixada para este ano.

Neste contexto, um aperto monetário por parte do BC é iminente. A autoridade monetária já divulgou que irá recolher, sob a forma de depósitos compulsórios dos bancos, cerca de R\$ 71 bilhões dos R\$ 100 bilhões que havia liberado para combater a crise em 2008. Além disso, sinalizou que deverá elevar a taxa de juros (Selic) no mês de abril.

Essas preocupações inflacionárias de curto e médio prazo estão associadas a outras igualmente importantes, relacionadas ao longo prazo. Estará o Brasil voltando a padecer da síndrome do ‘voo da galinha’ (saltos do PIB de curto alcance), tal como antecipado pelos cenários ‘Um Emergente Retardatário’ e ‘Crescimento Inercial’¹?

No passado, o crescimento econômico brasileiro esbarrava em déficits externos, risco minimizado — mas não superado — com o aumento das exportações, a acumulação de reservas e a atração de capitais. Hoje, o principal freio são as deficiências na infraestrutura e uma reduzida taxa de investimento — aquém dos 20% do PIB —, insuficiente para ampliar a capacidade de produção necessária ao atendimento de uma demanda crescente. Com isso, os preços sobem e o BC é levado a agir e elevar os juros para estancar o crescimento econômico, em um círculo vicioso.

O cenário ‘Um Salto para o Primeiro Mundo’ mostra o caminho para a superação deste círculo vicioso: a efetiva implantação de uma agenda de reformas estruturais (tributária, do Estado, previdenciária, política, trabalhista e microeconômica) capaz

¹ Para mais detalhes, ver: MACROPLAN (2009). “Cenários Focalizados na Crise e Pós-Crise Econômica”. Disponível para download em www.macroplan.com.br.

de alavancar os investimentos públicos e de propiciar a melhoria do ambiente de negócios necessária à expansão dos investimentos privados. O cenário 'Mudança de Patamar' mostra que este é um caminho viável até mesmo sob a hipótese de o contexto internacional evoluir de forma predominantemente desfavorável ao Brasil nos próximos anos, assim como evoluiu no período 2008-2009.



MUNDO

O Mundo Hoje

➤ RISCO DE DEFLAÇÃO PREOCUPA NOS EUA

O índice de preços para gastos de consumo pessoal nos Estados Unidos caiu em fevereiro pelo segundo mês consecutivo. O índice de preços caiu 1,3% em fevereiro, contra 1,5% em janeiro e 1,6% em dezembro. Se vier uma redução generalizada de preços, isso poderá ser especialmente negativo para a economia. Com excesso de capacidade, as empresas não podem aumentar os preços sem risco de perder negócios para concorrentes.

Fonte: "Risco de deflação preocupa nos EUA" (Valor Econômico, 01/03/2010) e "Índice de preços para consumo pessoal nos EUA cai pelo 2º mês" (Folha de S. Paulo, 29/03/2010)

➤ A DIMENSÃO DA CRISE FISCAL NA EUROPA

O banco Morgan Stanley calculou que os governos europeus terão de captar no mercado financeiro 1,6 trilhão em 2010 para conseguir rolar suas dívidas para o próximo ano. Há preocupação com a crescente concorrência entre bancos e governos por recursos no mercado internacional. Outro problema que enfrentam os governos é a necessidade de desembolsar bilhões para salvar bancos e, agora, outra fortuna para pagar o seguro-desemprego de milhões de pessoas.

Fonte: "Europa terá de captar 1,6 trilhão de euros" (O Estado de São Paulo, 28/02/2010), "Europa precisa de 500 bilhões este ano" (O Estado de São Paulo, 21/03/2010)

➤ COM APOIO DA UE, GRÉCIA CAPTA 5 BI DE EUROS NO MERCADO

O empréstimo – encarado como um teste real à credibilidade do país nos mercados – é bem sucedido. O governo da Grécia anunciou a captação de 5 bilhões de euros em sua primeira investida no mercado financeiro após o pacto de socorro entre os membros da União Europeia. 27 líderes políticos da União Europeia fecharam acordo que permitiria à Grécia tomar empréstimos de vizinhos europeus, com participação do FMI, em caso de fracasso no mercado. Apesar do cenário mais otimista, a situação da Grécia ainda não é confortável. Os juros pagos ao mercado pelo governo grego representam quase duas vezes o cobrado dos títulos da dívida da Alemanha, os mais seguros da Europa.

Fonte: "Com apoio da UE, Grécia capta 5 bi de euros no mercado" (O Estado de São Paulo, 30/03/2010) e "Crise grega coloca em alerta a zona do euro" (Valor Econômico, 04/03/2010)

➤ ESPANHA EM PIOR SITUAÇÃO QUE A GRÉCIA

Às voltas com forte recessão e desemprego superior a 20%, a economia espanhola é quatro vezes maior que a grega, com um PIB de US\$ 1,4 trilhão, mas uma dívida total de US\$ 1 trilhão. A dívida grega é um problema à Europa – 95% dos débitos estão nas mãos de credores da zona do euro. A dívida espanhola, ao que tudo indica, extrapola as fronteiras da moeda

comum. A necessidade de financiamento da Espanha em 2010 é de US\$ 268,5 bilhões, bem superior aos US\$ 73 bilhões da Grécia.

Fonte: "Espanha será o verdadeiro teste do EURO" (Valor Econômico, 03/03/2010)

➤ PROTECIONISMO AMEAÇA COMÉRCIO INTERNACIONAL

O comércio mundial caiu 9% no ano passado. O número de pedidos de processos na OMC subiu 20% no primeiro semestre de 2009 sobre a primeira metade de 2008. O Brasil se queixa dos EUA, França e europeus mais pobres da Alemanha e os EUA da China.

Fonte: "A guerra fria no comércio mundial" (Folha de S. Paulo, 16/03/2010) e "O ajuste errado" (O Estado de São Paulo, 19/03/2010)

➤ APROVADA A REFORMA DA SAÚDE NOS EUA

EUA são o único entre os países mais ricos que não garantem assistência médica para todos seus cidadãos. Se a reforma não fosse aprovada, seria uma derrota para Obama – já que tramita há mais de um ano no Congresso e era uma das prioridades da agenda doméstica do presidente. A reforma torna obrigatória a aquisição de planos de saúde, sob pena de multa e com subsídio a indivíduos de baixa renda e pequenas empresas, e impede que seguradoras privadas neguem planos a pacientes com doenças preexistentes. Também cria um "pool" de planos privados com critérios mínimos estabelecidos pelo governo para oferecer seguros a não segurados.

Fonte: "Reforma tenta recuperar 80 anos de dívida social" (O Estado de São Paulo, 22/03/2010) e "Congresso aprova a reforma da saúde e dá a Obama maior vitória" (Folha de S. Paulo, 22/03/2010)

Mundo: condicionantes de longo prazo

➤ CHINA E ÍNDIA ADEREM A ACORDO DE COPENHAGUE

Chineses e indianos aderiram formalmente ao Acordo de Copenhague, texto negociado durante a conferência do clima da ONU na capital dinamarquesa em dezembro. Sem força de lei, o acordo não foi acatado por todos os países que participavam da conferência. Ele propõe manter o aumento da temperatura global abaixo dos 2°C, mas não indica como.

Fonte: "China e Índia aderem a acordo de Copenhague" (Folha de S. Paulo, 10/03/2010)

➤ NACIONALISMO ECONÔMICO PREOCUPA MÚLTIS NA CHINA

Empresas estrangeiras afirmam dificuldades diante das políticas governamentais mais rígidas e a intensificação da concorrência interna praticadas na China. Mudanças sugerem que Pequim está reavaliando a ênfase dada há algum tempo à abertura da economia a empresas estrangeiras - cujo maior exemplo são as mudanças para entrar na Organização Mundial do Comércio, em 2001 - e pendendo à promoção de empresas estatais com forte presença. Muitos executivos estrangeiros dizem que vêem um aumento no nacionalismo econômico, acelerado pelo desempenho superior da China durante a recessão e por um recente desdém pela gestão econômica ocidental. De companhias aéreas à mineração, passando por laticínios, as políticas governamentais estão expandindo o papel do Estado em muitos setores.

Fonte: "Nacionalismo econômico preocupa múltis na China" (Valor Econômico, 18/03/2010)

➤ O REAL PODER ECONÔMICO DO OCIDENTE

A participação da Ásia no PIB mundial caiu de 29% em 1995 para 27% no ano passado, devido, em parte, à depreciação das moedas. As exportações da região representaram 31% das exportações mundiais no ano passado, não muito superior aos 28% em 1995 e continua a ser menor do que a da Europa Ocidental. Nas exportações, a participação dos países asiáticos cresceu durante os anos 1980 e início de 1990. Embora a China tenha crescido desde então, o Japão viu cair pela metade sua participação na produção e exportações mundiais. O crescimento da Ásia não é um mito, no entanto. Considerar o PIB em valores convertidos às taxas de câmbio pode subestimar sua expansão. Se o PIB é medido em paridade de poder de compra (PPC), a quota da Ásia na economia mundial cresceu mais, passando de 18% em 1980 para 27% em 1995 e 34% em 2009. Por este indicador, a economia da Ásia vai, provavelmente, ultrapassar América e Europa juntas em quatro anos. Em termos de PPC, três das quatro maiores economias (China, Japão e Índia) estão na Ásia, responsável por metade do crescimento do PIB mundial ao longo da última década.

Fonte: "East or famine" (The Economist, 17/03/2010)

➤ A REVOLUÇÃO DOS SERVIÇOS

Enquanto a China é um notável exportador de bens industrializados, a Índia ganhou reputação mundial por exportar serviços modernos. A experiência de crescimento da Índia sugere que crescimento elevado e redução da pobreza puxados pelos serviços agora é possível. A expansão do setor de serviços é sustentável porque a globalização dos serviços, que representam mais de 70% da produção mundial, ainda está em sua infância. Além disso, a antiga visão de que os serviços não são transportáveis ou negociáveis e de que possuem um teto no potencial de rentabilidade não se sustenta mais para uma série de serviços modernos impessoais, que agora podem ser produzidos e exportados a baixo custo. Os países em desenvolvimento podem, portanto, sustentar um crescimento puxado pelos serviços, tendo em vista o imenso espaço que ainda possuem para convergência e atualização.

Fonte: "A revolução dos serviços" (Valor Econômico, 26/03)



BRASIL

O Brasil Hoje

➤ INFLAÇÃO NO 1º BIMESTRE SURPREENDE

A alta de preços nos primeiros dois meses do ano foi acima do que esperava o mercado e mesmo do que estimava o Banco Central. Em fevereiro, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) sofreu elevação de 0,78%, um pouco superior aos 0,75% apurados em janeiro. Ao acumular 1,5% nos primeiros dois meses do ano, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) já atingiu o nível que os economistas do governo e do mercado estimavam para o primeiro trimestre.

Fonte: "A inflação no 1º bimestre surpreende" (Valor Econômico, 08/03)

➤ PIB ENTRE A RECUPERAÇÃO E A EXPANSÃO

Em 2009, o PIB brasileiro caiu 0,2%, interrompendo 16 anos consecutivos de crescimento. Fortemente afetada pelo freio na atividade econômica e pela falta de crédito para financiar novos projetos, a indústria registrou queda de 5,5% em 2009. Já o investimento, despencou 9,9%. Com isso, a taxa de investimento (ou seja, o volume aplicado como proporção do PIB) recuou

de 18,7% para 16,7%. O consumo das famílias cresceu 4,1%, impedindo uma freada mais forte da economia. O governo também ampliou gastos como forma de fazer política anticíclica: seu consumo aumentou 3,7% em 2009. Enquanto os setores industrial e agrícola mostraram retração (5,5% e 5,2%, respectivamente), o setor serviços cresceu 2,6%. Como o setor serviços corresponde a mais de 60% do PIB, seu crescimento foi suficiente para compensar a queda dos outros dois setores na economia.

Apesar de a soma de bens e serviços ter caído no ano, no quarto trimestre o país já estava crescendo a pleno vapor. A economia brasileira cresceu 2% no último trimestre de 2009, acompanhada por uma forte alta de 6,6% no ritmo dos investimentos. O consumo das famílias, depois de encerrar o terceiro trimestre de 2009 acima de 10% ao ano, teve alta de 1,9% sobre o trimestre anterior, a uma taxa anualizada de 8,2%.

Fonte: "PIB do 4º trimestre mostra forte expansão", "PIB entre a recuperação e a expansão" (Valor Econômico, 12/03/2010), "Indústria e investimentos têm maior queda anual desde o Plano Collor", O Globo, 12/03/10 e "Consumo sustenta PIB, mas poupança limita" (O Estado de S. Paulo, 12/03/2010)

▶ INDÚSTRIA E CONSTRUÇÃO CIVIL PUXAM EMPREGO NO BIMESTRE

O emprego na indústria de transformação se recuperou da crise financeira mundial e está crescendo a um ritmo superior ao do setor de serviços. No primeiro bimestre, a indústria respondeu por 34% do total de 390 mil novos empregos gerados no país, um percentual bastante superior aos 17% de participação do setor nos 1,478 milhão de empregos criados nos últimos 12 meses. Já o setor de serviços, que nos últimos 12 meses respondeu por 40% das vagas, viu sua participação encolher para 37% no primeiro bimestre. Os empregos totais na indústria em fevereiro são os maiores desde o início da série histórica do Caged, em 1992. A taxa de desemprego de fevereiro foi o melhor resultado para o mês em oito anos, desde que teve início a série histórica do IBGE: 7,4%.

Fonte: "Indústria e Construção Civil puxam emprego no bimestre" (Valor Econômico, 18/03/2010), Desemprego fica em 7,4%, o menor em 8 anos (O Globo, 26/03/10)

▶ CRÉDITO AVANÇA NO PAÍS

O salto do crédito foi responsável por 40% da taxa de crescimento do Brasil nos últimos seis anos, segundo estudo da LCA Consultores. A expansão média de 4% ao ano do PIB no período 2004-2009 teria sido de 2,5% se o crédito não tivesse avançado como avançou - a participação no PIB foi de 23% para 45%. Apesar do avanço dos últimos anos, a relação crédito/PIB, aqui, é inferior à maioria dos países.

Fonte: "Crédito responde por 40% da alta do PIB, indica estudo" (O Estado de São Paulo, 14/03/2010) e "O risco do endividamento" (Valor Econômico, 16/03/2010)

▶ MERCOSUL E PAÍSES DA ÁSIA ALAVANCAM VENDA EXTERNA NO 1º BIMESTRE

Nos primeiros dois meses do ano, o valor de todas as exportações brasileiras cresceu 21,3% em relação ao mesmo período do ano passado. Na América Latina, mercado importante para os manufaturados brasileiros, as vendas foram puxadas pelos sócios do Mercosul. Para a Ásia, os embarques (em valor) aumentaram 29%, com destaque para os básicos (33% de alta) e manufaturados (36% mais). Um dos maiores aumentos foi registrado nas vendas à Índia, que cresceram 206%, enquanto os embarques para a China aumentaram 39,4%. No Oriente Médio, a Arábia Saudita importou 45,9% mais do Brasil, e o Irã, 76%. O desempenho nas vendas para essas regiões está muito acima dos embarques para a Europa e os Estados Unidos.

Fonte: "Comércio exterior: Exportações para a Argentina cresceram 59,8% nos dois primeiros meses do ano" (Valor Econômico, 22/03/2010)

➤ BRASIL É O QUE MAIS CRESCE COMO DESTINO DE EXPORTAÇÕES CHINESAS

Nos primeiros dois meses de 2010, as exportações chinesas para o Brasil cresceram 84,6%, enquanto o crescimento médio foi de 31,4% em relação ao mesmo período de 2009. No lado das importações, as compras chinesas de produtos brasileiros se expandiram em 91,8%, enquanto a média no período foi de 63,6%. Mesmo com esse crescimento o Brasil é o 17º principal importador chinês e décimo maior exportador.

Fonte: “Brasil é o que mais cresce como destino de exportações chinesas” (Folha de S. Paulo, 11/03/2010)

➤ BRASIL SUPERA CANADÁ E SE TORNA O TERCEIRO MAIOR EXPORTADOR AGRÍCOLA

O Brasil ultrapassou o Canadá e se tornou o terceiro maior exportador de produtos agrícolas do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e União Europeia. O Brasil já ocupa o primeiro lugar no ranking de exportação em vários produtos agrícolas: açúcar, carne bovina, carne de frango, café, suco de laranja, tabaco e álcool. Também é vice-líder em soja e milho e está na quarta posição na carne suína. O País, no entanto, ainda está distante de ser o maior exportador de alimentos do mundo. Os EUA e a UE exportaram mais que o dobro do Brasil. Em 2008, os americanos venderam quase US\$ 140 bilhões em produtos agrícolas, e os europeus US\$ 128 bilhões e o Brasil exportou US\$ 61,4 bilhões.

Fonte: “Brasil supera Canadá e se torna o terceiro maior exportador agrícola” (O Estado de S. Paulo, 07/03/2010)

➤ IMPORTAÇÕES CRESCEM EM FEVEREIRO E SALDO COMERCIAL É O MENOR EM 8 ANOS

A forte demanda doméstica, o real valorizado frente ao dólar e o aquecimento da atividade industrial fizeram com que as importações aumentassem 50,8% em fevereiro, ante o mesmo mês de 2009. A consequência foi um superávit de US\$ 394 milhões, o menor para o período desde fevereiro de 2002, quando foi registrado saldo positivo de US\$ 265 milhões.

Fonte: “Importações crescem em fevereiro e saldo comercial é o menor em 8 anos” (O Globo, 02/03/10)

➤ PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA CHEGA À METADE DAS CASAS BRASILEIRAS, CONSTATA IBGE

Os dados do Panorama da Saúde no Brasil mostram que o Saúde da Família é mais abrangente que os planos de saúde. Mais da metade dos brasileiros, cerca de 96 milhões de pessoas, está cadastrada no Programa Saúde da Família (PSF). O serviço particular atende a 25,9% da população, ou seja, cerca de 49,2 milhões de pessoas. Nos 27,5 milhões de residências cadastradas no programa - do total de 57,6 milhões - vivem 50,9% da população. A maior parte das famílias atendidas vive na Região Nordeste.

Fonte: “Programa Saúde da Família chega à metade das casas brasileiras, constata IBGE” (O Globo, 31/03/2010)

➤ PAC-2

O PAC-2 foi anunciado enquanto a primeira versão do programa, depois de três anos de execução, não chegou a concluir sequer a metade dos projetos. Foram investidos R\$ 256 bilhões, apenas 40,3% do total previsto para o período de 2007 até o final deste ano. O PAC 2 associa medidas de desoneração fiscal a financiamento público e privado para investimentos em infraestrutura, num total de R\$ 959 bilhões entre 2010 e 2014 – e mais R\$ 631 bilhões a partir de 2015. O documento aponta 465 obras da primeira versão do PAC, 332 projetos exclusivos da nova versão e 116 obras lançadas na primeira etapa, mas com previsão inicial de conclusão após 2010.

Fonte: “O PAC entre a realidade e a ficção” (O Globo, 31/03/2010), “PAC do PAC” (Folha de S. Paulo, 31/03/2010) e “Governo infla PAC 2 com obras antigas” (Folha de S. Paulo, 30/03/2010)

Brasil: condicionantes de longo prazo

▶ A HORA DA EDUCAÇÃO

Apenas 33% das 294 metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação, de 2001, haviam sido cumpridas em 2008, último ano com dados consolidados no estudo do governo federal sobre o desempenho da educação brasileira na última década. O Brasil avançou pouco, e por vezes retrocedeu, em índices educacionais importantes. O gasto total com educação ficou estagnado em cerca de 5% do PIB até 2007. A parcela de jovens entre 15 e 17 anos no ensino médio passou de 45,4%, em 2001, para 50,4%, em 2008. O país discutirá em 2010 seu novo Plano Nacional de Educação, que fixará objetivos para os próximos dez anos.

Em 2000, a porcentagem do PIB investida em educação era de 3,9% e em 2008 alcançou-se a marca de 4,7%, ou R\$ 140 bilhões. Há hoje 91% de crianças e jovens na escola, entretanto menos de um terço demonstra ter aprendido o conteúdo esperado na série em que se encontra e, ao final do ensino médio, só 9,8% dos estudantes sabem o que deveriam de matemática. Apenas 45% dos jovens de 19 anos possuem formação secundária.

Em 2009, apesar da crise, os investimentos federais em educação cresceram acima da média dos cinco anos anteriores. Em 2008 a relação investimento em educação/PIB chegou a 4,7% do PIB. Houve alta maior dos gastos com educação básica em relação ao ritmo de crescimento das despesas no ciclo superior, quebrando uma tradição no país. Enquanto o custo médio por aluno da educação básica em 2008 subiu mais de 14%, no ensino universitário a variação anual foi de 6,5%, para R\$ 14.763 gastos para cada aluno matriculado em instituições públicas de ensino superior. O avanço na educação infantil (antes do ciclo fundamental), contudo, deixou a desejar. O custo médio por aluno subiu apenas 6,6% entre 2007 e 2008, para R\$ 2.206. O ciclo que engloba as creches e pré-escola é considerado um dos maiores gargalos do sistema educacional brasileiro, cujo déficit de vagas é estimado em mais de 10 milhões em todo o país.

Fonte: "A hora da educação" (Folha de S. Paulo, 04/03/2010), "O valor da educação" (Folha de S. Paulo, 18/03/2010) e "País reduz distância entre gastos no ensino básico e superior" (Valor Econômico, 17/03/2010)

▶ PAÍS SERÁ O 4º MAIOR MERCADO DE CARROS

O Brasil vai subir um degrau no ranking mundial de vendas de carros e ocupar, neste ano, a quarta posição, atrás apenas da China, EUA e Japão.

"País será o 4º maior mercado de carros" (O Estado de São Paulo, 21/03/2010)

▶ BRASIL FICA PARA TRÁS NA CORRIDA PELA NOVA ECONOMIA "VERDE"

Enquanto potências como EUA e China investem centenas de bilhões de dólares em investimentos ligados à economia de baixo carbono, vista como a nova fronteira do desenvolvimento mundial, o Brasil nem sequer tem um modelo nacional, afirmam acadêmicos e ambientalistas. Globalmente, uma fatia média de 16,4% dos pacotes de estímulo lançados no ano passado para mitigar os efeitos da crise econômica foi "verde" (US\$ 513 bilhões em 17 grandes economias). No Brasil, só R\$ 1,5 bilhão, ou cerca de 5% do total de estímulos fiscais anticrise, focou o setor produtivo "limpo", como o IPI reduzido para carros "flex".

Fonte: "Brasil fica para trás na corrida pela nova economia 'verde'" (Folha de S. Paulo, 28/02/2010)

➤ “CUSTO BRASIL, UMA SOBRECARGA DE 36%”

O Custo Brasil, conjunto de fatores que comprometem a competitividade e a eficiência da indústria nacional, encarece em média 36,27% o preço do produto brasileiro em relação aos fabricados na Alemanha e nos Estados Unidos. Entre os componentes do Custo Brasil medidos pela Abimaq estão o impacto dos juros sobre o capital de giro, que na média gera custo 7,95% superior ao dos concorrentes internacionais, e preços de insumos básicos, cuja diferença de custos é de 18,57% entre a produção nacional e a americana e alemã. Outros fatores de custo adicional: impostos não recuperáveis na cadeia produtiva (2,98%), encargos sociais e trabalhistas (2,84%), logística (1,90%), burocracia e custos de regulamentação (0,36%), custos de investimento (1,16%) e custos de energia (0,51%).

Fonte: “Custo Brasil, uma sobrecarga de 36%” (O Estado de S. Paulo, 08/03/2010)

➤ O CUSTO DA CORRUPÇÃO

Levantamento feito pelo Serviço de Perícias de Engenharia e Meio Ambiente da PF apontou superfaturamento de cerca de R\$ 700 milhões em 303 obras inspecionadas. A cada R\$ 100 desembolsados pelo poder público, R\$ 29, em média, foram superfaturados. Ainda que se levem em conta algumas ressalvas à inspeção, apontadas por empresas, e o caráter por ora inconcluso da investigação, o resultado não deixa dúvida quanto à gravidade do fenômeno.

Fonte: “O custo da corrupção” (Folha de S. Paulo, 09/03/2010)

➤ PANORAMA DA VIOLÊNCIA

A violência está migrando dos grandes centros urbanos para o interior do país. Enquanto nas regiões metropolitanas a taxa de homicídios caiu 25% entre 1997 e 2007 e a queda registrada nas capitais é de 19,8%, nos pequenos municípios houve um crescimento de 37,1% no número de assassinatos. Nesse período de dez anos, foram mortos 512 mil brasileiros. Esses índices ultrapassam países que estiveram em guerra. Em 2007, foram 47.707. Nove estados, incluindo o Rio, conseguiram reduzir suas taxas de homicídios no período de 1997 a 2007. A queda mais acentuada foi a de São Paulo, com redução de 58,6%. Em 1997, o indicador paulista era de 36,1 assassinatos para cada 100 mil habitantes; em 2007, estava em 15.

Fonte: “Número de assassinatos cresce 37% no interior” – O País (O Globo, 31/03/2010)

Abaixo são apresentados indicadores selecionados para o mundo e Brasil. Tal como as matérias resumidas anteriormente, os indicadores ilustram expectativas e dados concretos relacionados à evolução dos principais fenômenos cenarizados pela Macroplan em seus estudos prospectivos.

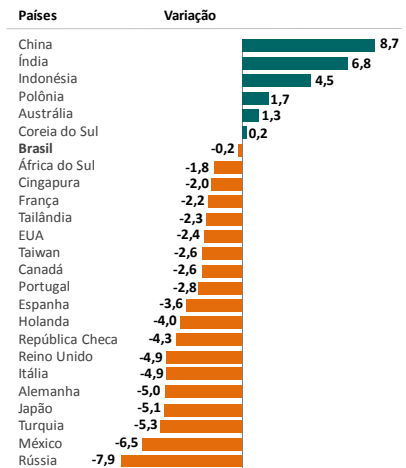


MUNDO

	PIB (% a.a.)		Produção Industrial % (acum. 12 meses)	Inflação % (acum. 12 meses)	Taxa de Desemprego (%)
	2009*	2010*			
China	+ 8,7	+ 9,6	+ 12,8 (Fev)	+ 2,7 (Fev)	10,2 (2009)
Índia	+ 6,8	+ 7,7	+ 16,7 (Jan)	+ 16,1 (Jan)	10,7 (2009)
Japão	- 5,1	+ 1,7	+ 18,2 (Jan)	- 1,3 (Jan)	4,9 (Jan)
EUA	- 2,4	+ 3,1	+ 1,7 (Fev)	+ 2,1 (Fev)	9,7 (Fev)
Zona do Euro	- 3,9	+ 1,2	+ 1,4 (Jan)	+ 0,9 (Fev)	9,9 (Jan)
Mundo**	-0,8	+ 3,9	-	-	6,6 (2009)

PIB

variação 2009, em %



Fonte: The Economist, 26/03/2010 (*Economist Intelligence Unit Forecast / National Definitions), **FMI
Gráfico: Bloomberg e JP Morgan



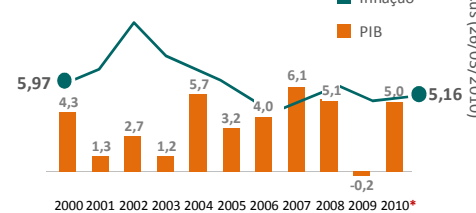
BRASIL

Atividade Econômica / Política Monetária

	2009	2010*	Produção Industrial, % (acum. 12 meses)	Inflação % IPCA (acum. 12 meses)	Taxa de Desemprego (%)	Empregos Formais CAGED
PIB (% a.a.)	- 0,20	5,51	+ 18,4 (Fev)	+ 4,83 (Fev)	7,4 (Fev)	209.425 (Fev)
Taxa Selic % a.a. fim de período	8,75	11,25				
IPCA (%)	4,31	5,16				

PIB BRASILEIRO E IPCA

Variação real no ano, em %



Fonte: IBGE, BCB, *Previsão Boletim Focus (26/03/2010)

A taxa de juros real brasileira voltou a ser a maior do mundo

A taxa projetada para 12 meses está em 6% e, de acordo com ranking da consultoria UP Trend. Ela supera a da Indonésia, de 3,6%, e da China, de 3,3%. As indicações são de que o BC pode elevar aos poucos a Selic, dos atuais 8,75% para 11,25% até o fim do ano. Isso dá um juro real de 6,46% - ainda alto, mas bem distante das taxas históricas, como a média de 10% praticada entre 1999 e 2007.

Fonte: "Juro real no país é o mais alto do mundo" (Valor Econômico, 04/03/2010)

SELIC META

Taxa em % ano ano



Fonte: BCB, *Previsão Boletim Focus (26/03/2010)

Economia do Setor Público/ Política Fiscal

Setor Externo

	2008	2009	2010*
Carga tributária (% PIB)	35,16	35,02	-
Relação Dívida/PIB (%)	38,8	44,25	41,4
Resultado Primário (% PIB)	3,54	2,06	-

	2008	2009	2010*
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	2,33	1,70	1,80
Conta Corrente (USD Bilhões)	- 29	- 17,52	- 50,0
Balança Comercial (USD Bilhões)	24	25	10
IED (USD Bilhões)	45,06	25	38,3

Fonte: BCB, *Previsão Boletim Focus (26/03/2010)

Os Cenários Focalizados no Pós-Crise

A Macroplan é uma empresa de consultoria que faz cenários há mais de 20 anos e já fez inúmeros projetos de cenários para grandes e médias empresas, instituições governamentais e entidades educacionais e tecnológicas. A Macroplan tem a rotina de fazer cenários para o Brasil, sendo o último, que baliza este monitoramento, os “Cenários Focalizados na Crise e Pós-Crise Econômica”, que podem ser acessados no site www.macroplan.com.br. Um resumo dos 4 cenários desse estudo segue abaixo:

➤ CENÁRIO 1. EM DUAS DÉCADAS O BRASIL DÁ “UM SALTO PARA O 1º MUNDO”

Em um contexto mundial de múltiplas oportunidades, o enfrentamento dos principais gargalos estruturais do Brasil possibilita a entrada da economia em uma trajetória de crescimento sustentado. Consolida-se no País também um ambiente próspero e favorável ao desenvolvimento dos negócios e à atração de investimentos estrangeiros. Soma-se a isso o revigoramento das instituições e a adoção de novas formas de gestão pública, o que torna possível uma contínua melhora da qualidade do gasto e dos serviços públicos. O parque produtivo passa por um intenso processo de inovação tecnológica, o que permite ao país inserir-se de forma competitiva na economia global. Na esfera ambiental, a questão deixa de ser vista como entrave ao desenvolvimento econômico e passa a ser vista como oportunidade de negócios.

➤ CENÁRIO 2. “UM EMERGENTE RETARDATÁRIO”: O BRASIL CONTINUA CORRENDO ATRÁS

O Brasil desperdiça a maior parte das oportunidades que o contexto mundial volta a oferecer. À exceção da educação, a ausência de reformas estruturais contribui para a manutenção de graves entraves ao desenvolvimento nacional, com o país perdendo competitividade frente a outros grandes emergentes. O Brasil em 2030 é um país dual. Reúne, ao mesmo tempo, um setor privado dinâmico, inovador e empreendedor, e regiões altamente competitivas, com um setor público pesado e ineficiente e regiões mais atrasadas, impedindo melhorias no ambiente de negócios e nos indicadores sociais. As grandes áreas metropolitanas ainda convivem com graves problemas, sobretudo nas áreas de infraestrutura, segurança e emprego e o Brasil ainda acumula relevantes passivos ambientais. Na área energética, os investimentos limitam-se aos segmentos mais dinâmicos, como petróleo e geração de energia hidroelétrica.

➤ CENÁRIO 3. “MUDANÇA DE PATAMAR”: BEM PERTO DO 1º MUNDO

Apesar do moderado dinamismo e de crises cíclicas no contexto mundial, o enfrentamento aos principais gargalos estruturais possibilita à economia brasileira experimentar uma mudança de patamar, consolidando trajetória de crescimento sustentado após 2020. O crescimento é decorrência da construção de um ambiente estável e favorável ao desenvolvimento dos negócios e à atração de investimentos estrangeiros, apoiado, em grande parte, no dinamismo de seu mercado interno. A educação dá saltos de qualidade. Soma-se a isso uma contínua melhora da qualidade do gasto e dos serviços públicos, impactando positivamente os índices de qualidade de vida e de desenvolvimento regional. O parque produtivo brasileiro passa por um processo de inovação tecnológica e a área energética é alvo de elevado volume de investimentos. No campo ambiental, os avanços na gestão fazem progredir a “economia limpa” que multiplica oportunidades de negócios e de geração de renda e trabalho.









































➤ CENÁRIO 4. “CRESCIMENTO INERCIAL”: A “BALEIA” VOLTA A ENCALHAR




A persistência de graves entraves ao desenvolvimento aborta a trajetória de aceleração do crescimento econômico registrada nos primeiros anos do século XXI. Como resultado, o crescimento econômico brasileiro até 2030 volta a cair. O País é prejudicado ainda por dificuldades políticas e institucionais, caracterizadas pela gestão pública de eficácia limitada. As

melhorias no ambiente de negócios ocorrem apenas setorialmente e de maneira lenta, sem garantir aos investidores grandes estímulos ao desenvolvimento de negócios. As reformas no sistema de educação e ciência, tecnologia e inovação são executadas de maneira restrita, fazendo com que o parque produtivo nacional mantenha um baixo grau de inovação e inserção internacional. Na área energética, a capacidade de investimentos é limitada. No campo social, os indicadores de qualidade de vida apresentam evolução inercial e as grandes áreas metropolitanas convivem com graves problemas.

Painel de Sinalizadores

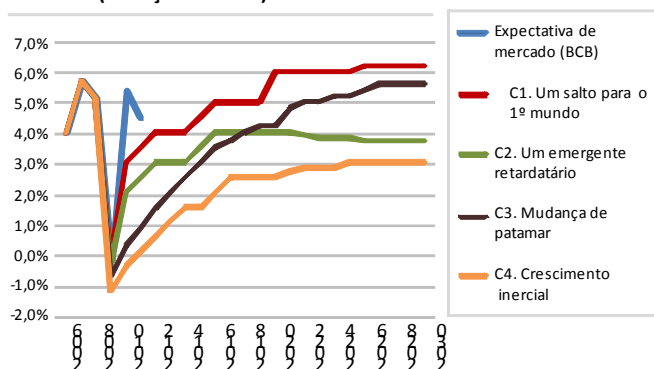
A evolução observada das variáveis essenciais dos cenários da Macroplan está resumida no painel a seguir, que aponta a situação predominante em março de 2010.

Dimensão	Variáveis	C1 - Um Salto para o 1º Mundo	C2 - Um Emergente Retardatário	C3 - Mudança de Patamar	C4 - Crescimento Inercial
Mundo	Mercado imobiliário nas economias desenvolvidas	Reequilíbrio rápido 	Reequilíbrio rápido 	Risco de calote 	Risco de calote 
	Balancos patrimoniais das instituições financeiras	Recuperação dos balanços 	Recuperação dos balanços 	Manutenção das perdas e riscos de falências 	Manutenção das perdas e riscos de falências 
	Atividade econômica	Recuperação 	Recuperação 	Aprofundamento da recessão 	Aprofundamento da recessão 
	Sector financeiro internacional	Reformas institucionais 	Reformas institucionais 	Ausência de reformas 	Ausência de reformas 
	Evolução das economias emergentes	Descolamento 	Descolamento 	Contágio 	Contágio 
Brasil	Política fiscal anti- crise	Investimentos públicos estruturantes e incentivo a investimentos privados 	Aumento das despesas públicas correntes e de caráter permanente 	Investimentos públicos estruturantes e incentivo a investimentos privados 	Aumento das despesas públicas correntes e de caráter permanente 
	Desonerações fiscais	Horizontais e temporárias 	Setoriais e de longa duração 	Horizontais e temporárias 	Setoriais e de longa duração 
	Atividade empresarial	Aumento da eficiência com preservação de competências 	Redução de custos com perda de competências 	Aumento da eficiência com preservação de competências 	Redução de custos com perda de competências 
	Confiança do empresariado	Aumento 	Redução 	Aumento 	Redução 
	Imagem externa	Fortalecimento (diferenciação positiva) 	Deterioração 	Fortalecimento (diferenciação positiva) 	Deterioração 

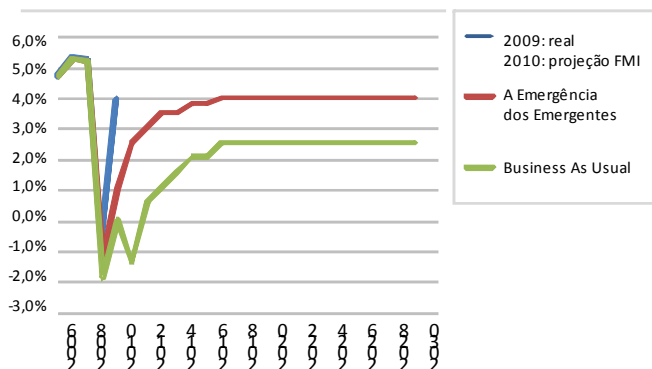
-  Totalmente aderente à trajetória real observada
-  Parcialmente aderente à trajetória real observada
-  Não condiz com a trajetória real observada

Painel de monitoramento de cenários

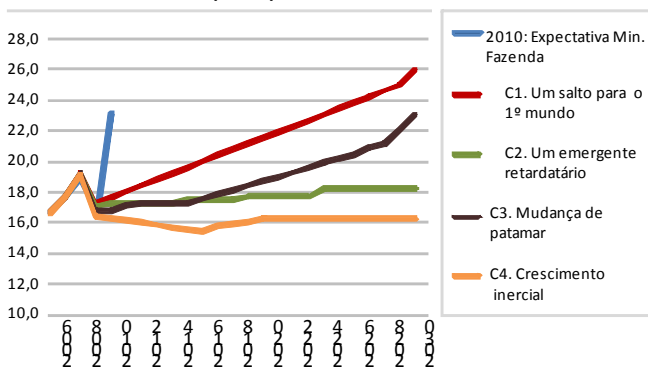
PIB Brasil (variação % anual)



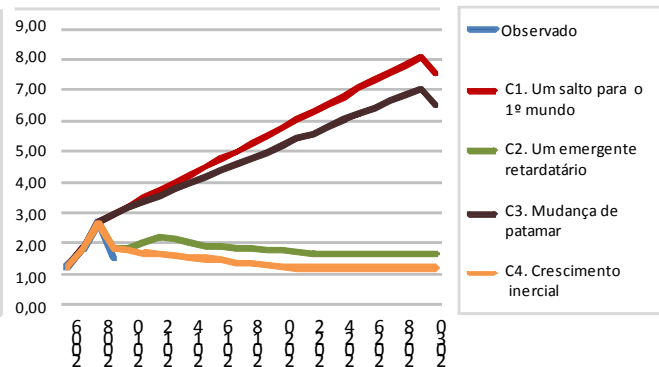
PIB Mundo



Taxa de Investimento (% PIB)



Investimento Estrangeiro Direto (% do fluxo mundial de capitais)



A exploração do futuro com o uso de Cenários

► O QUE SÃO CENÁRIOS?

São a descrição de um futuro possível, imaginável ou desejável para um sistema e seu contexto e do caminho ou trajetória que o conecta com a situação inicial deste sistema e contexto. Podem ser definidos como a descrição de histórias do futuro, sendo, dessa forma, uma das mais poderosas ferramentas de planejamento.

► PRA QUE SERVEM CENÁRIOS?

Prever o futuro é impossível. Cenários não se propõem a fazer isso. Propõem-se sim a nos ajudar a explorar o futuro em um mundo de grandes mudanças, utilizando o mapeamento e organização de incertezas e tendências em relação ao futuro. São uma ótima forma de antecipar futuros alternativos para melhorar as decisões tomadas no presente.

► COMO OS CENÁRIOS DEVEM SER CONSULTADOS?

Nenhum cenário “puro” se realizará como previsto. A realidade conterà elementos de cada cenário. O futuro é uma construção social e muda a toda hora. A pergunta a ser feita não deve ser “qual o futuro mais provável”; e sim “o que a organização deve fazer se tal cenário acontecer”. Por isso o monitoramento é também um instrumento muito importante.

Sobre a Macroplan

A **Macroplan Prospectiva Estratégia & Gestão** é uma das mais experientes empresas brasileiras de consultoria em cenários prospectivos, administração estratégica e gestão orientada para resultados.

Com sedes no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Vitória, a Macroplan oferece aos seus clientes um trabalho personalizado, diferenciado e inovador, que alia uma experiência de 20 anos de atuação à capacidade de desenvolver e implantar soluções de sucesso compatíveis com a realidade de cada cliente.

A Macroplan se diferencia trabalhando “sob medida”, em um estilo de atuação que alia discrição, criatividade e muita dedicação, buscando alternativas mais eficazes que atendam às necessidades do cliente.

Acumulando mais de 270 mil horas de trabalho, a Macroplan já desenvolveu mais de 250 projetos de consultoria para grandes e médias empresas, instituições governamentais e entidades educacionais e tecnológicas.

Com uma equipe composta por mais de 40 profissionais de formação multidisciplinar e uma ampla rede de consultores associados, todos com sólida experiência nas áreas de atuação da consultora, a empresa agrega competências que a qualificam para atuar com proficiência tanto no setor privado, como em instituições públicas.